

Uma aproximação temática entre as questões da mundidade do mundo e do sentido do ser em geral na obra de *Ser e tempo*

A thematic account between the issues of the world's worldhood and the meaning of being in general in *Ser e tempo*

Rafael Ribeiro Almeida¹

¹ Estudante da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA. Temas de interesse: ontologia contemporânea e fenomenologia. Bolsista FAPESB com o plano de trabalho “a mundidade do mundo e o sentido do ser em *Ser e Tempo*” Email: estudosrafael@gmail.com

RESUMO: Pretende-se nesse artigo apresentar a descrição do fenômeno do Mundo tal como originariamente conquistado pelo método fenomenológico-hermenêutico de Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*. Ademais, busca-se evidenciar o que Martin Heidegger entende por mundo e o seu caráter ontológico de mundidade em *Ser e tempo*, de maneira a articular este fenômeno com o projeto fundamental do autor: o sentido do Ser em geral. Propomos a possibilidade de Heidegger ter levado à cabo a questão ontológica da mundidade como um modo possível de desanuviar o horizonte para interpretar o sentido do Ser (meta manifesta de *Ser e Tempo*). Para tanto, investiga-se a obra-mestra de Heidegger: *Ser e tempo* publicado em 1927 (e de uma maneira auxiliar e secundária, a preleção de 29/30 denominada *Conceitos Fundamentais da Metafísica*). Analisaremos o fenômeno do mundo em sua estrutura ontológica de mundidade, a partir do tratado de *Ser e Tempo*, parte I, seção I, no qual o autor coloca a questão da Mundidade no terceiro capítulo, denominado “*A Mundidade do Mundo*”, cuja análise contempla os §14-24. Com isso, conclui-se que Heidegger estaria de alguma forma notabilizado na História da Filosofia por levar a cabo uma análise do mundo como o caráter existencial-ontológico do *Dasein* e que, com essa investida, acabou mesmo por renovar uma fundamental questão, qual seja: a questão pelo sentido do Ser.

Palavras-Chave: Mundidade do mundo. Tradição metafísica. Sentido do ser.

ABSTRACT: This article intends to present the description of the phenomenon of the World as originally conquered by Martin Heidegger's phenomenological-hermeneutic method, in *Being and Time*. It is intended to address the Heideggerian accusation that the Metaphysical Tradition “jumped over” the phenomenon of the world, and in its place sought to interpret the world from an intramundane entity. For that, he investigates Heidegger's masterpiece: *Being and time* (1927). The scope of this text resides in your focus of interest in the first set of paragraphs, §14-18, that is, the group of paragraphs that is limited to addressing the world of the world itself. With that, it is concluded that Heidegger would be somehow distinguished in the History of Philosophy for carrying out an analysis of the world as the existential-ontological character of *Dasein* and that, with this onslaught, he ended up renewing a fundamental question, which is : the question for the meaning of Being.

Keyword: Worldhood. Metaphysical tradition. Meaning of being.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Propomos a possibilidade de Heidegger ter levado à cabo a questão ontológica da mundidade como um modo possível de desvelar o sentido do Ser em geral. Perceber, no limite de um exagero, uma aproximação temática entre as duas referidas questões, à luz de *Ser e Tempo*, será proveitoso na medida em que nos permite entender o porquê da coincidência entre o emudecimento da pergunta pelo sentido do Ser em geral e a omissão de uma abordagem ontológica da mundidade do mundo,

ambos relativo à Tradição metafísica ocidental.

Com efeito, pretende-se realizar em termos metodológicos o problema de pesquisa até aqui evidenciado tendo em vista, principalmente, o tratado de 1927 de *Ser e Tempo* (e de uma forma auxiliar a preleção de 29/30 *Conceitos Fundamentais de Metafísica – finitude, mundo, solidão*¹). Posto isto, procuraremos indicar a descrição fenomenológica feita por Heidegger acerca do mundo em sua estrutura ontológica de mundidade, a partir do tratado de *Ser e Tempo*, parte I, seção I, no qual Heidegger coloca a questão da Mundidade no terceiro capítulo, denominado “*A Mundidade do Mundo*”, cuja análise contempla os §§14-24, sendo que o §14 em específico cumpre a função de introdução para todo o capítulo terceiro.

Pretendemos evidenciar em que medida a temática da mundidade, à luz de *Ser e Tempo*, relaciona-se com o principal objetivo do tratado em questão, o sentido do Ser em geral. Heidegger estaria de alguma forma notabilizado na História da Filosofia por levar a cabo uma análise do mundo como o caráter existencial-ontológico do *Dasein* e que, com essa investida, acabou mesmo por renovar uma fundamental questão, que, desde o começo da metafísica com os gregos, encontrava-se soterrada, qual seja: a questão pelo sentido do Ser.

A mundidade à deriva: o saltar por cima da mundidade relativo à tradição filosófica

Pretende-se como primeira tarefa evidenciar em que medida a temática da mundidade, à luz de *Ser e Tempo*, relaciona-se com o principal objetivo do tratado em questão, o sentido do Ser em geral. De um lado, podemos corroborar a coincidência fundamental destes temas – a mundidade e o sentido do Ser – em *Ser e Tempo* a partir de intérpretes que compartilham tal leitura, como é o caso da pesquisadora Acylene Ferreira, em seu artigo *Mundidade e diferença ontológica* de acordo com o qual:

a questão do ser encontra-se latente na questão do mundo. Diante disto, podemos afirmar que a questão fundamental da metafísica ocidental – o que é o ser? – se transpõe para a questão – o que é o mundo? [...]. Podemos declarar, sem receios, que a questão do ser, do mundo e da presença [*Dasein*] encontram-se entrelaçadas. Assim, pensar sobre o ser implica em refletir sobre o mundo e a presença (FERREIRA, 2013, p. 87).

Por outro lado, faz-se necessário destacarmos o nexos entre a mundidade e a questão fundamental da metafísica ocidental, o sentido do Ser, a partir do que o próprio jovem Heidegger nos possibilita interpretar. Nesse sentido, na preleção *Conceitos fundamentais da Metafísica* podemos encontrar algumas evidências textuais acerca da coincidência fundamental entre os dois temas, por exemplo, quando Heidegger (2011, p. 371) afirma que: “Não se deve recorrer a uma definição qualquer do homem para o problema do mundo. Ao contrário, *precisamos nos apropriar de um ângulo de visada do homem, no interior do qual a essência do homem mesmo se torne ao menos digna de questão*”. Nota-se que, para Heidegger, o problema metafísico do mundo nos impele a colocar em interrogação o problema metafísico sobre – a “essência” do – homem. Para Heidegger (2011, p. 371), “A determinação da

¹ Nessa preleção o autor se decide por uma investigação *comparativa* no que diz respeito ao fenômeno do mundo. Neste caso Heidegger interpela o fenômeno do mundo não só em função do ser-aí humano, mas, também, através de uma comparação dos demais entes que, como o homem, também são uma parte do mundo: “O que dizer dos animais, das plantas, das coisas materiais, como as pedras, por exemplo?” (HEIDEGGER, 2011, p. 230). É sob esse aspecto que M. Heidegger, nessa preleção, apresenta uma tese tripartite: a pedra é sem mundo, o animal é pobre de mundo, e o homem é formador de mundo.

essência do homem talvez seja idêntica ao desdobramento do problema da formação do mundo”. Sendo assim, nota-se que a questão sobre a formação ontológica do mundo é uma questão que, no limite, versa sobre a própria constituição existencial do ente denominado homem. “O que é o homem? Ele forma o mundo mais ou menos do mesmo modo como forma um coro ou forma o mundo porque é essencialmente homem?” (HEIDEGGER, 2011, p. 366). Observa-se, portanto, que a questão ontológica acerca do mundo *desdobra* a questão ontológica acerca do ente que nós somos, e vice-versa, e isso significa, em termos de uma investigação metafísica, um liame ontológico entre mundo e homem, segundo Heidegger (2011, p. 366): “O homem *qua* homem é formador de mundo; e isto não significa: o homem tal como ele perambula pela rua, mas o *ser-aí* no homem é formador de mundo”. Esclarecidos estes pontos, uma pergunta, então, vem à tona: que relação há entre a temática da mundidade e o sentido do Ser, especificamente em *Ser e Tempo*? Passemos a esmiuçar, sendo assim, como a questão da mundidade nos remete ao sentido do Ser, na analítica da mundidade de *Ser e Tempo*.

Não obstante, estamos em condições agora de explicitar, num primeiro momento, como a questão da mundidade nos remete à questão metafísica por excelência. Eis o derradeiro impasse através do qual a Tradição Metafísica se emaranhou, segundo Heidegger, qual seja: o de não levar em conta o fenômeno do mundo sob o sentido existencial-ontológico, ou seja, a mundidade. De acordo com Martin Heidegger: “*Em face do problema de uma análise ontológica da mundidade do mundo, a ontologia tradicional se move – quando vê em geral o problema – em um impasse*” (HEIDEGGER, 2012, p. 203. Grifo nosso). Quer dizer, a Tradição Filosófica “*das Phänomen der Weltlichkeit überspringt*”, “saltou por cima” do fenômeno da Mundidade. Ora, o que significa, de fato, tal afirmação se levada às últimas consequências? Que o fenômeno do mundo não foi alvo privilegiado de tematização filosófica? Que a Tradição metafísica se omitiu quanto à noção de mundo? Ou trata-se de um impasse metodológico que, sendo insuficiente, não consegue dar conta do mundo enquanto tal? Vejamos.

Observa-se que no decorrer da história da filosofia várias foram as ontologias que buscaram tematizar, sistematicamente, e de diferentes maneiras, a relação dos homens com a totalidade dos entes, sob o termo mundo, mas que, no limite, não se aventaram a esclarecer o mundo enquanto mundo:

A natureza [...], todo esse ente conjuntamente, animais, plantas e mesmo homens, não é, visto filosoficamente, o mundo. Assim como todas as coisas insignificantes ou significativas, o que denominamos universo não é o mundo (HEIDEGGER, 2012, p. 243)

O problema identificado por Heidegger consiste, por um lado, que em tais ontologias tradicionais (inclusive as citadas acima) o mundo não é tematizado como na analítica da mundidade de *Ser e Tempo*, ou seja, o mundo não é efetivamente posto como um tema central de pesquisa filosófica, e por outro lado, essas ontologias procuraram explicar o mundo sem se deter sobre o próprio fenômeno do mundo enquanto tal. Quanto a este segundo ponto Heidegger afirma que tais ontologias são, na verdade, entificadoras do Ser na medida em que se colocaram no afã de interpretar o mundo a partir do (Ser de um) ente. Por exemplo: os arquétipos em Platão, o motor imóvel em Aristóteles, a mônada e o Deus (que calcula a partir os mundos possíveis) em Leibniz, e até mesmo o “cogito” cartesiano. Na medida em que a Tradição filosófica passou a interpretar o mundo sempre desde um ente, com isso ela acabou por saltar por cima do fenômeno da mundidade. Heidegger indica como nestas diferentes acepções de mundo na história da metafísica, o conceito em questão, de uma forma ou de outra, sempre permaneceu preso à interpretação entificadora, ou seja, permaneceu preso à

interpretação que parte das descrições (das propriedades ônticas) dos entes que estão no interior do mundo.

A ontologia é possível apenas como fenomenologia: eis a diretriz metodológica que diferencia Heidegger (e a sua analítica da mundidade) com relação às abordagens filosóficas anteriores acerca do mundo. Heidegger se propõe acessar fenomenologicamente o mundo, em *Ser e Tempo*, tendo em vista o seu projeto maior da analítica existencial (que, por sua vez, está subordinada ao projeto maior da pergunta pelo sentido do Ser em geral). Porque o fenomenólogo alemão deita na cama de pro-custo as estruturas existenciárias do *Dasein* é que ele atinge a descrição fenomenológica do mundo, haja vista que o mundo, enquanto tal, quer dizer o próprio caráter ontológico do *Dasein*. Isto é, o fato de Heidegger ter levado em conta uma investigação do mundo enquanto ontologicamente integrado à constituição originária do *Dasein* evidencia, também, o motivo pelo qual a Tradição não tematizou o fenômeno do mundo enquanto tal. A diretriz metodológica que constitui uma parte da solução em Heidegger, na Tradição, pelo contrário, constitui uma parte do problema. “Um olhar na ontologia proposta até agora mostra que ao mesmo tempo que não vê a constituição-do-*Dasein* que é ser-no-mundo, *salta por sobre* o fenômeno da mundidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 203. Grifos do autor). Eis, então, o ponto de partida de Heidegger fenomenicamente adequado no acesso ao fenômeno da mundidade que o impede, por excelência, de saltar por sobre o mundo enquanto tal: o ser-no-mundo (especificamente em sua cotidianidade mediana).

Podemos observar assim como a questão da mundidade é um modo possível de pensar o sentido do Ser. Quando a Tradição filosófica desconsidera o modo de ser fundamental do *Dasein* (entranhando, assim, o acesso adequado à pergunta pelo sentido do Ser em geral), ela desconsidera, igualmente, a abordagem apropriada acerca da mundidade. Heidegger nos mostra que inquirir ontologicamente o mundo é um modo possível de desvelar o sentido do Ser. O fato da analítica das estruturas existenciárias do *Dasein* permitir a Heidegger a sua analítica da mundidade é que explica porque o autor, em *Ser e Tempo*, investiga a mundidade sempre no *interior* de sua analítica existencial:

Quando perguntamos ontologicamente pelo 'mundo' de modo algum abandonamos o campo temático da analítica do *Dasein*. 'Mundo' não é ontologicamente uma determinação *do* ente que em sua essência o *Dasein* não é, mas um caráter do *Dasein* *ele* mesmo (HEIDEGGER, 2012, p. 199-201).

É nesse sentido que o *Dasein* é o único ente que pode ser determinado pelo adjetivo *Weltlich*, *mundano*: “O derivado 'do-mundo' significa então, terminologicamente, um modo-de-ser do *Dasein* e nunca um modo-de-ser como o do ente subsistente 'em' o mundo” (HEIDEGGER, 2012, p. 203). Mundo é um caráter existencial do *Dasein* (muito embora devemos frisar que isso não significa, porém, que ao fenômeno do mundo pertence uma dimensão subjetiva, conforme o próprio autor se defende²). Mundo é um caráter existencial do *Dasein* enquanto *possibilidade existencial* de sua estrutura-de-ser, em outras palavras, somente o modo de ser do ente que nós mesmos somos é *co-*

² Em *Os problemas fundamentais da fenomenologia* ele diz: “O mundo é subjetivo diz que ele pertence ao ser-*ái*, na medida em que este ente é sob o modo do ser-no-mundo. O mundo é algo que o ‘sujeito’ por assim dizer ‘pro-jeta’ a partir de sua interioridade. Mas temos o direito de falar aqui de interioridade e exterioridade? O que esta projeção pode significar? Evidentemente não que o mundo é um pedaço de mim no sentido de uma outra coisa qualquer presente à vista em mim como uma coisa; nem tampouco que eu lançaria para fora a partir desta coisa sujeito o mundo. Ao contrário, o ser-*ái* mesmo já enquanto tal projetado. Na medida em que ele existe, um mundo é pro-jetado para ele com seu ser. Existir significa entre outras coisas: *previamente lançar para si o mundo*” (HEIDEGGER, 2012^b, p. 247. Grifo nosso).

originário ao Mundo. Para Heidegger, o modo de ser do mundo coincide com o próprio modo de ser do *Dasein*, isso a ponto de o autor afirmar que *o mundo existe*:

Ele [mundo] é uma determinação do ser-no-mundo, um momento da estrutura do modo de ser do ser-aí. O mundo é algo dotado do caráter do ser-aí. Ele não se acha presente à vista como as coisas, mas é aí como o ser-aí que nós mesmos somos, ou seja, existe. O modo de ser do ente que nós mesmos somos, do ser-aí, é denominado por nós existência. Resulta daí de maneira puramente terminológica: o mundo não é presente à vista, mas ele existe, ou seja, ele tem o modo de ser do ser-aí (HEIDEGGER, 2012^b, p. 245. Grifos nosso).

Em vista disso, podemos notar que ao passo que a Tradição metafísica salta por cima da investigação do homem que o transparece ontologicamente como ser-no-mundo, ela acaba por omitir igualmente o fenômeno da *mundidade* enquanto um momento estrutural do ser-no-mundo (o modo de ser do mundo atrelado ao modo de ser do ser-no-mundo).

Neste sentido, levando em conta que a questão da mundidade é um modo possível de abordar o sentido do Ser, podemos concluir que a acusação que Heidegger, em *Ser e Tempo*, endereça à Tradição metafísica (o emudecimento da pergunta pelo sentido do ser) revela, de alguma forma, também um *esquecimento com relação à mundidade do mundo*, por parte da Tradição metafísica (mais uma vez, nisso reside a relação entre a mundidade e a pergunta pelo sentido do Ser). Neste raciocínio, na preleção *Conceitos fundamentais da metafísica* Heidegger é notoriamente enfático com relação ao liame necessário entre os temas mundidade do mundo e sentido do Ser. O fato de a Tradição ter levado à cabo uma investigação da constituição do ser humano sob o *lóγος* – *Ratio*, *Razão* –, acabou por desviá-la do caminho que investiga a constituição humana como um problema de (formação de) mundo. No tocante ao ente que nós mesmos somos, a preponderância da temática metafísica acerca do *lóγος* velou a estrutura originária da mundidade, e isso de tal ordem que o próprio Heidegger (2011, p. 448) reconhece que “Até hoje, em meio a uma série de disfarces, o problema [da mundidade] se mostra para nós como desconhecido”. E mais: “Nenhum tempo conheceu uma tal avalanche de tradição e nenhum jamais foi tão pobre em uma herança real. *lóγος*, *ratio*, *razão*, *espírito*: todas estas palavras são termos encobridores do problema do mundo” (HEIDEGGER, 2011, p. 449. Grifo nosso).

Com a indicação formal da mundidade (ou o fenômeno designado por ela) Heidegger aponta para aquilo que foi excluído da pergunta pelo sentido do Ser. Com isso, salta aos olhos o caráter de *ineditismo* presente na investigação heideggeriana da analítica da mundidade. Ou melhor, a proposta heideggeriana de abordar o mundo a partir do seu modo de ser destaca-se como inédito na história da filosofia. A novidade consiste especificamente em tematizar o mundo como o caráter existencial-ontológico do *Dasein*. Em resumo, o conceito de mundo em seu sentido existencial-ontológico, tal como apresentado por Heidegger na definição número 4 (quer dizer, a mundidade), é inédito. Eis, então, a singularidade de Heidegger com relação à Tradição metafísica: a investigação que explicita um co-pertencimento ontológico entre mundo e *Dasein*, constituindo, de forma indissociável, o fenômeno do ser-no-mundo. O *Dasein* “é” num mundo que somente nele se configura e nomeia como “mundo”. Não são dois polos isolados, como entes previamente dados, antes, porém, “*Dasein*” e “mundo” são pensados por Heidegger como momentos de *uma mesma* relação originária, cuja “estrutura” é deslindada em sua analítica existencial.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Podemos concluir que a questão da mundidade é um modo possível de pensar o sentido do

Ser. Quando a Tradição filosófica desconsidera o modo de ser fundamental do *Dasein* (entranhando, assim, o acesso adequado à pergunta pelo sentido do Ser em geral), ela desconsidera, igualmente, a abordagem apropriada acerca da mundidade. Ao apresentar o conceito de mundidade Heidegger renova de alguma forma a pergunta pelo sentido do Ser que até então se encontrava emudecida. Quer dizer, abordar o mundo levando em conta a sua própria mundidade é um modo do autor desanuviar o horizonte para interpretar o sentido do Ser em geral (meta manifesta de *Ser e Tempo*). Neste sentido, levando em conta que a questão da mundidade é um modo possível de abordar o sentido do Ser, podemos concluir que a acusação que Heidegger, em *Ser e Tempo*, endereça à Tradição metafísica (o emudecimento da pergunta pelo sentido do ser) revela, de alguma forma, também um *esquecimento com relação à mundidade do mundo*, por parte da Tradição metafísica (mais uma vez, nisso reside a relação entre a mundidade e a pergunta pelo sentido do Ser). Com a indicação formal da mundidade (ou o fenômeno designado por ela) Heidegger aponta para aquilo que foi excluído da pergunta pelo sentido do Ser. Assim, é possível arrolar uma série de oposições que Heidegger constitui contra a Tradição metafísica ocidental. A abordagem do mundo como um caráter ontológico do *Dasein* em detrimento do caminho investigativo que aborda o mundo através do ente intramundano. O contraste entre os pontos de partida para acessar o fenômeno do Mundo, de modo inverter a investigação que considera a *Res*, “coisa” simplesmente dada (*Vorhandenheit*) pela que considera o ente intramundano (*Zuhandenheit*). De um lado, o mundo é tematizado desde uma perspectiva substancial-categorial (o mundo é um ente), por outro lado, quanto a Heidegger, o mundo é tematizado desde uma perspectiva ontológica-existencial (o mundo indica uma estrutura do *Dasein*). Com isso, salta aos olhos o caráter de *ineditismo* presente na investigação heideggeriana da analítica da mundidade. Ou melhor, a proposta heideggeriana de abordar o mundo a partir do seu modo de ser destaca-se como inédito na história da filosofia. A novidade consiste especificamente em tematizar o mundo como o caráter existencial-ontológico do *Dasein*.

REFERÊNCIAS

- BLATTNER, William. *Heidegger's Being and Time – a reader's guide*. Continuum: New York, 2006;
- CASANOVA, Marco. *Compreender Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009;
- CERBONE, David. *Fenomenologia*. Trad. Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2012;
- DREYFUS, Hubert. *Being-in-the-World – A Commentary on Heidegger's Being and Time, Division I*. 6. ed. The MIT Press: Massachusetts, 1995;
- FERREIRA, Acylene. *Mundidade e diferença ontológica*. Síntese – revista de filosofia. V. 40. n. 126. Jan/Abr 2013;
- FIGAL, Günter. *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005;
- GIACOLA, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013;
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade – doze lições*. Trad. Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000;
- HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Trad. John Macquarrie & Edward Robinson. Blackwell Publishers. 2001;
- _____. *Ontologia (hermenêutica da faticidade)*. 2. Ed. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis, RJ:

Vozes, 2013;

_____. *Os conceitos fundamentais da Metafísica – mundo, finitude, solidão*. 2. Ed. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011;

_____. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho (edição bilíngue). Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012;

_____. *Ser e tempo – parte I*. 2 ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988;

_____. *Ser y Tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera. Santiago do Chile, editorial universitária. 2005

_____. *Sobre a Essência do Fundamento* (coleção Os Pensadores). Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999;

_____. *O conceito de tempo*. Trad. Marco Aurélio Werle n. 2, São Paulo: Cadernos de Tradução do Departamento de Filosofia da USP, 1997;

_____. *A Origem da Obra de Arte*. Ed bilíngue. Trad. Idalina Azevedo da Silva e Manuel António de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010;

_____. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012^b;

INWOOD, Michael. *Heidegger*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2004;

MORAN, Dermot. *Introduction to phenomenology*. Routledge: London and New York, 2000;

ÖTT, Hugo. *Martin Heidegger – a caminho da sua biografia*. Trad. Sandra Lippert Vieira. Lisboa: Instituto Piaget, 1992;

SHEEHAN, Thomas. *Making sense of Heidegger – a paradigm shift*. New York: Rowman&Littlefiel Internacional, 2015.

SPIEGELBERG, Herbert [ed]. *The Phenomenological Movement - a historical introduction*. 3. ed. Kluwer Academic Publishers: Netherlands, 1994;

STEIN, Ernildo. *Mundo Vivido – das vicissitudes e dos usos de um conceito de fenomenologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004;

_____. *Seis estudos sobre ‘Ser e tempo’*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005;

ZIMMERMAN, Michael. *Confronto de Heidegger com a modernidade: tecnologia, política, arte*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001;

WRATHALL, Mark A. [ed]. *The Cambridge Companion to Heidegger’s Being and Time*. New York: Cambridge University Press, 2013.